



## VIII ENCONTRO DA ESCOLA - EPFCL

2 DE MAIO DE 2024 - PARIS

### SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA

Esta VIII Encontro da Escola da EPFCL remete uma vez mais à intensão da psicanálise em questão. Quer dizer que ela interrogará novamente isso que, em uma psicanálise, faz o psicanalista: a passagem do analisante à analista. A intensão da psicanálise, que determina a extensão que a Escola e seus Fóruns têm precisamente a intenção de sustentar aqui e lá, é a subversão do laço donde se produz “do psicanalista”.

Impredicável, digamos, não obstante Lacan, depois de ter especificado como o desejo do psicanalista para extrair ali o ato que depende disso, finalmente propôs um matema que escreve sua operação própria: o Discurso do Psicanalista. O produto contingente desse laço inédito pode ser “do psicanalista”, e assim sucessivamente...

“Para que a psicanálise... volte a ser... um ato ainda por vir”<sup>1</sup>, contamos com uma operação que sustente a lógica e com a chance que resultem uns operadores à altura da ética que exige dessa lógica.

O Colégio Internacional da Garantia da EPFCL, o CIG 2023-2024, como todos os que o precederam, sustenta o dispositivo do passe e a experiência viva que emana disso. Cada passe é recebido com a maior consideração com respeito ao que constitui as transformações da travessia das análises aqui e lá, porém o que orienta os Cartéis é, desde já, uma atenção particular ao que pode nos testemunhos

---

<sup>1</sup> LACAN, J. *Introdução de Scilicet*, Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 293.

denotar “o passo à analista”.

Este ponto foi precisamente posto em questão nos últimos Encontros da Escola em Buenos Aires pela iniciativa do CIG precedente. Nós a retomamos e a propomos, indicando de entrada no enunciado do título uma afirmação: a passagem à analista que pode buscar uma análise produz uma transformação radical na relação ao saber, quer dizer, ao inconsciente.

Portanto: SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA.

A psicanálise é uma experiência de saber, é o que a constitui como “didática”. Esta experiência de saber começa por “algo” que escapa completamente àquele que sofre; ele não sabe nada sobre isso, porém, por sorte, pode encontrar um bom escutador que *saberá fazer* questionamento dessa ignorância e a fará falar. Essa experiência de palavra, “a prática do blábláblá” dirigida ao analista, transportará o “não quero saber nada disso” inicial no percurso inesgotável da suposição de um saber sobre esse sujeito à deriva, no que Freud nomeava “suas representações”, e que Lacan qualificará de elucubrações. A transferência, esse “amor que se dirige ao saber”<sup>2</sup>, incansável decifradora, é o vetor da “prática do sentido” que deverá encontrar seu fim: o insabido que sabe de uma equivocação. Em resposta ao impasse do Sujeito Suposto Saber, pode se produzir um passo ao analista.

Com a transferência como suporte, a douta ignorância analítica é uma tensão para o saber. Há, portanto, um percurso, uma travessia do que o que está posto em jogo é o fim da análise, ou seja, uma profunda modificação da relação ao saber e ao gozo que ele cifra, pelo feito da operação “do analista”, quer dizer, a posição do inconsciente: instauração do saber “no lugar da verdade”.

Essa travessia, Lacan a nomeou “Passe”. Passe de mágica, passagem sutil do saber do psicanalisante ao saber do psicanalista. O saber do psicanalisante se orienta de entrada com o Sujeito Suposto Saber; o ato do psicanalista, ao invés da neurose, favorecerá a topada sobre um impasse até que eventualmente possa sustentar esse saber insabido sem o recurso das representações, das elucubrações, das ficções da verdade mentirosa que vetorizavam sua direção ao

---

<sup>2</sup> Lacan, J. Introdução à edição alemã de um primeiro volumen dos Escritos, Outros Escritos, 2003, p. 555.

Outro.

Esse saber causa horror porque, ao invés do saber suposto, não tem garantia no Outro. “Horror de saber”<sup>3</sup>, diz Lacan, para sublinhar o que está posto em jogo nessa passagem porque o saber se revela conectado a um gozo que não faz proporção, e, no entanto, conduz a “afrontar-se ao impasse sexual”, seja à castração e ao gozo contíguo. Desmontando as teorias sexuais que a neurose elaborava minuciosamente e confinava nos limites do fantasma, esse saber não-sabido remete àquele que fez esse percurso em sua solitude, Troumatisme<sup>4</sup>, que Lacan pode escrever: Há do Um.

O que sobra então de nossos amores transferenciais e de seu desejo do saber? Um desejo de saber pode se desprender disso e transmitir os efeitos (afetos) de um saber insabido.

Com efeito, se “os analistas são os sábios de um saber acerca do qual não podem conversar”<sup>5</sup>, eles podem fazer uso disso, colocá-lo em ato e fazê-lo conhecer mais além.

Desejamos que os AMEs e os passadores que eles designam estejam atentos ao inesperado e ao inaudível dos efeitos desse saber não-sabido...

Do lado dos cartéis do passe... contemos com a sabedoria de sua ignorância.

A Escola, a Escola, sempre recomeçada ... para que haja chance de analista.

*Colégio Internacional da Garantia da EPFCL, CIG 2023-2024*

---

<sup>3</sup> Lacan, J. Nota Italiana, Outros Escrito, 2003, p. 313.

<sup>4</sup> Neologismo de furo+traumatismo.

<sup>5</sup> Lacan, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade, Outros Escrito, 2003, p. 358.